

FUTEBOL: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO ESTILO NACIONAL

Dr. ANTONIO JORGE SOARES

Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho
Centro Federal de Educação Tecnológica – RJ
E-mail: ajsoares@marlin.com.br

Dr. HUGO RODOLFO LOVISOLO

Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho
Faculdade de Comunicação – UERJ
E-mail: lovisolo@momentus.com.br

RESUMO

O artigo trata da tradição de construção do estilo brasileiro de futebol. Demonstra a repetitividade nas elaborações e mapeia os desejos de afirmação da identidade na tensão entre os ideais civilizatórios e os de afirmação da autenticidade cultural, no contexto das contradições da cidadania no Brasil. As narrativas tornam o futebol um espelho dos dilemas da sociedade, deixando de explicar a singularidade das técnicas corporais que distinguiria o estilo brasileiro de futebol. A relevância de rerepresentar a tradição é demandada pelas pressões do presente que teriam feito desaparecer o futebol-arte. A intelectualidade transforma o futebol em saudade e espelho da sociedade, sem, contudo, explicar o centro da tradição: a construção do estilo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol-arte; história do esporte; estilo de futebol.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar a tradição dos debates sobre o estilo brasileiro de futebol nas narrativas jornalísticas e de intelectuais. Tais narrativas são repetitivas e refletem, historicamente, os desejos de afirmação da identidade nacional, a tensão entre os ideais civilizatórios e de afirmação da autenticidade cultural e as contradições na afirmação da cidadania. As narrativas tomam o futebol como espelho dos dilemas da sociedade brasileira, deixando de explicar a singularidade das técnicas corporais que distinguiriam o estilo de jogo brasileiro. A relevância de apresentar a tradição é demandada pela pressão do presente que bate na tecla de que as inovações táticas e técnicas, no contexto da espetacularização e comercialização do esporte, teriam feito desaparecer o *futebol-arte*. A intelectualidade transforma o futebol em saudade e espelho da sociedade sem, contudo, explicar o centro da tradição: a construção do estilo.

As imagens vinculadas àquilo que se denominou “estilo brasileiro de futebol” são as da alegria, da improvisação, dos floreios, dos dribles, do toque de calcanhar, enfim, das firulas. Palavras como “malandragem” e “ginga” funcionam como aglutinadores de seus significados. As reclamações sobre as “perdas” do estilo nacional interpretam o presente como declínio em contraposição ao valor do passado, puro e positivo, provocando o sentimento de “saudade”. Importa destacar que o sentimento de saudade é axial na construção da identidade portuguesa, proveniente de um país de navegadores, que reflete afeição pelo lugar abandonado. Esse sentimento foi incorporado pela cultura brasileira, embora haja uma evidente contradição entre o saudoso e o alegre, pois a alegria é uma característica brasileira e do seu futebol.

Entretanto, apesar da circularidade das narrativas entre jornalistas e intelectuais, duas questões se abrem sobre o estilo brasileiro: a) seria apenas produto de uma invenção cultural de jornalistas e acadêmicos ou b) significaria um processo empírico de apropriação cultural no qual o movimento corporal do brasileiro teria imprimido uma nova estética ao jogo?

Elucidar a segunda questão, no entanto, não é tarefa fácil. O principal problema reside na forma de elaboração das categorias do estilo brasileiro que faz difícil entender seu significado e distinção e, mais difícil ainda, traduzi-las na linguagem dos indicadores de pesquisa. É evidente que, por exemplo, há drible em todos os jogos de futebol. O problema seria: o estilo brasileiro se caracterizaria por um drible diferente ou meramente por uma frequência maior no uso desse recurso? A idéia do domínio do drible pode ser construída a partir da observação de amostras representativas (estatisticamente) ou a partir de desempenhos individuais? Os casos

individuais – tendo Garrincha como paradigma – seriam e ainda são generalizados para o estilo? Essa operação seria válida? Coisa semelhante ocorre com a expressão gíngua (meneio, balanço, iludir o adversário com o jogo de corpo etc.): a distinção seria de qualidade ou de quantidade? E qual a forma de construção?

Para avançarmos, deveríamos ir construindo um sistema de categorias interpretativas em tensão, para depois nos situarmos mais perto dos movimentos corporais específicos. Todavia, mais modestamente, a tarefa aqui será a de analisar o processo histórico de construção do estilo do futebol brasileiro com base em suas narrativas, que revelam os dilemas de afirmação da identidade nacional e/ou da cidadania.

A TENSÃO: CRAQUE *VERSUS* EQUIPE

Na definição do estilo brasileiro são enfatizadas as habilidades individuais, tornando a disciplina e o jogo de equipe secundários. São ressaltadas, na definição do estilo, as capacidades de improvisação e de arranjo de última hora que produziriam jogadas inesperadas, criativas. Os jogadores preferidos, os craques, possuiriam um dom ou talento que combina habilidade, astúcia, sagacidade, capacidade de simulação, improvisação e criatividade.

Quando valorizamos as capacidades individuais, formar uma equipe significaria apenas escolher os melhores e deixá-los jogar: segundo essa visão, os melhores conheceriam a melhor forma de proceder. Um reconhecido jornalista esportivo e técnico da seleção nacional, João Saldanha, defendeu essa concepção na fase eliminatória da Copa de 70 (Saldanha, 2002). Esse tipo de estratégia só faz sentido quando existe monopólio na formação do time; o único caso é a formação da seleção nacional. No cotidiano, nenhum clube pode contar com os melhores. Portanto, como todo time acaba formado por indivíduos de capacidades variadas há que, de alguma forma, organizá-los, ordená-los, discipliná-los e fazer com que joguem segundo esquemas técnicos e táticos. Temos, então, uma tensão entre a ordem espontânea dos melhores e a imposta sobre as individualidades.

Há uma outra concepção da relação entre equipe e craque. O futebol é um jogo coletivo, de regras universalizadas, no qual a coordenação tática da equipe deveria ser fundamental. No Brasil, em contrapartida, o sucesso da equipe é abafado em função do craque, por vezes escolhido por representar as características do estilo nacional. O jogador aparece, então, como o valor. A idéia de ser o craque, aquele que salva e redime a equipe diante de situações de perigo, é recorrente e o torna herói. Apesar de ser constatada a importância do coletivo, a ideologia do craque-ídolo continua firme no presente.

Na virada do século XIX para o XX, o futebol e as modas européias, unidos, faziam parte dos ideais civilizatórios. O futebol devia trazer a tonificação de músculos junto ao *esprit de corps*, a pedagogia da racionalização e o ideal do autocontrole (Elias; Dunning, 1992). Por ser um esporte coletivo, a organização tática, a consciência da equipe e a disciplina tornavam-se um ideal normativo preconizado pelo modelo inglês. Entretanto, para os analistas da época da introdução do futebol, tais ideais não eram adotados e nem se tornariam hegemônicos no Brasil (Toledo, 2000). Uma tensão entre os primeiros analistas aponta para duas correntes de opinião: a dos adeptos do ideal técnico dos inventores do futebol e a dos valorizadores de sua apropriação singular.

O jornalista Antonio Figueiredo (1918) afirmava que o jogador brasileiro e os espectadores eram ignorantes em relação aos objetivos e ao estilo do jogo inglês. O modo brasileiro de jogar futebol, seu excesso de dribles, piruetas ou qualquer movimentação exótica, significava ignorância e infantilidade por parte dos espectadores que valorizavam o cômico e o estético. Estaríamos mais perto do espetáculo de circo do que do esporte. O modo de jogar indicava que os jogadores não tinham a noção da importância dos passes, da permanência na função pré-estabelecida e da distribuição das funções individuais para alcançar uma disciplina coletiva e eficaz. O crítico, ao falar da primeira fase do futebol no Brasil (1902 a 1904), segundo sua própria periodização, transmite o seguinte.

Bem diferente do de hoje. Um back que tivesse *shot* forte, e que atravessasse o campo, era um estupendo jogador; um "forward", que varava sozinho, por meio de *dribbling*, a defesa contrária, era endeusado; um *half*, que dava cabeçadas com esta exclusiva preocupação era amado por todos [...] Não se conhecia estilo de jogo, a utilidade dos passes, a permanência nas verdadeiras posições, e não dava valor à calma, ao método, à disciplina. Para essa gente pouco se lhe dava que o foot-ball tivesse regras, tivesse princípios. O que ela apreciava eram as corridas vertiginosas e eficazes, as piruetas dos *goal-keepers* (Figueiredo, 1918, p. 77-78).

Na mesma linha, o também jornalista Leopoldo Sant'Anna (1918), ao elogiar o jogador Friedenreich, denuncia o ideal estético do bom futebol. Sant'Anna ressalta a qualidade do jogador pela capacidade técnica de jogar a serviço do conjunto¹.

Distribui com calma, com precisão, os seus *headings* são certos e os tiros finais fortíssimos. Friedenreich [...] não é jogador egoísta, não abusa do *dribbling*, do jogo pessoal. Mesmo à

1. Cf. Hamilton (2001). Especialmente as comparações dos estilos de jogo descritas ao longo do livro.

porta do Gol, vendo um companheiro mais bem colocado, não titubeia em passar a bola. É, afinal, *player* que não faz jogo para arquivancadas e sim para o conjunto e com verdadeira perfeição, sendo por isso mesmo, com toda justiça, considerado o melhor *center-forward* brasileiro (Sant'Anna, 1918, p. 42).

O ponto central é que Friedenreich não é um jogador egoísta. Ser egoísta é jogar para a arquivancada sem se preocupar com o conjunto. Sant'Anna não deprecia o talento do craque, apenas o quer submetido ao conjunto. O que parece estar em jogo é a idéia de um "individualismo associativo" como valor orientador. Assim, devem ser criados contrapesos para o jogo pessoal, cuja principal manifestação seria o abuso do drible. A capacidade de colocar o talento individual, a personalidade, a serviço do conjunto seria o contrapeso ao individualismo egocêntrico ou egoísta e, portanto, a forma do processo civilizador? A nossa fraqueza, tanto antes quanto agora, seria a dificuldade de nos associarmos para atingir objetivos comuns?

Na outra corrente temos Américo Netto² (1919) como um dos defensores da singularidade do estilo brasileiro, ao analisar o campeonato Sul-americano de 1918 (realizado em 1919):

Quando os uruguaios se tornaram, em 1916 e em 1917, os campeões incontestes do *foot-ball* sul-americano não faltou quem dissesse, tornando-se opinião geral, ser a causa principal dessa superioridade a rigorosa observância que faziam dos princípios e dos métodos de jogos dos ingleses [...]. E não faltou também quem nos não apontasse esse exemplo, afirmando que o nosso sucesso no *Association* somente poderia ser um fato se igualmente adotássemos aqueles princípios, praticando os métodos deles decorrentes. Tornou-se motivo de censura a acentuada "tendência individualista", tão própria da nossa índole e da nossa formação esportiva. [...] Reprovava-se o nosso jogo de investidas bruscas e desiguais no qual "faltava combinação", não havia esforços de conjunto apreciável. Porque vencemos? Por uma questão de valor real, de decidida superioridade ou apenas por um feliz conjunto de circunstâncias? Que o digam os resultados dos jogos em que batemos chilenos, uruguaios e argentinos, não sendo batidos por nenhum deles [...]. Vencemos simplesmente porque não jogamos como eles, porque é muito diferente, é muita nossa, muito brasileira, a escola de *foot-ball* que adotamos ou, antes, que criamos para nosso uso exclusivo. [...] Ao passo que a escola inglesa quer seja a bola levada por todos os atacantes até as portas do "gol" inimigo e para aí mandada do mais perto que se possa conseguir, a escola brasileira preceitua que a bola seja atirada ao gol de qualquer distância mais valendo a precisão do chute do que o fato de ser ele realizado muito próximo do ponto visado. E diz ainda não ser necessário o avanço coletivo de toda a linha, bastando que dois ou três bons jogadores façam com a bola uma escapada que pela sua fulminante rapidez e por absolutamente inesperada desorienta toda a defesa inimiga, incapacitando-a

2. Diretor e redator da seção esportiva do jornal *O Estado de S. Paulo*.

de agir eficazmente perante a violência e a subtaneidade do ataque. Daí se vê que não damos tanta importância ao apregoado "jogo de conjunto". [...] A teoria britânica preconiza a ofensiva geral da qual todos os jogadores participam, num deslocamento total do quadro para as linhas inimigas. [...] Conosco não. As coisas se passam de outro modo: o ataque é geralmente feito por uma das alas isolada ou por uma delas em combinação com o centro e todo o resto do quadro se prepara para um possível contra-ataque, no caso de falhar a investida. E tudo é feito com tal ímpeto, entusiasmo tamanho, que os adversários quase não têm tempo, materialmente, de reagir [...]. aos brasileiros cabem a honra e a glória de terem criado para seu uso próprio um sistema novo de jogar [...]. Esse sistema, ou melhor, essa escola, assim se caracteriza: 1º Investidas parciais e rapidíssimas, concentrando toda a força do ataque num determinado ponto [...]. 2º Chutes longos e fortíssimos, admiráveis de precisão, o que é devido ao excelente treino do bate bola. Os princípios da escola inglesa são esses: 1º Atuação do quadro em completa e perfeita harmonia, sendo o ataque feito com igual intensidade em toda a linha. 2º Aproximação da linha atacante o mais perto possível do "gol" para garantir a entrada da bola a pequena distância (Netto, 1919, p. 7-8).

Observemos que a comparação trás sempre a associação entre o caráter nacional – conceito da época – e o estilo de jogo. Assim, o dilema permanece: adotar o estilo inglês ou valorizar a invenção de um estilo nacional? Seguir, no plano cultural e político, as nações mais desenvolvidas ou encontrar o caminho próprio? Américo Netto critica aqueles que tornaram "motivo de censura a acentuada tendência individualista, tão própria da nossa índole e da nossa formação esportiva" (Netto, 1919, p. 7). Sua opção foi pela valorização da apropriação singular do futebol baseada no caráter ou na índole do brasileiro. Em contraposição, na revista *Sports*, de fevereiro de 1920, defende-se que os exercícios individuais no futebol deveriam ser tratados com cautela e, mais uma vez, aparece a crítica ao caráter do brasileiro:

O *football Association* é, caracteristicamente, um jogo de conjunto. E como jogo de conjunto [...] uma disciplina perfeita – consciente e voluntária – é qualidade absolutamente essencial. Exige ele que os seus adeptos saibam e queiram sacrificar a glória e a vaidade pessoal ao interesse coletivo, que é o do quadro. Por isso há quem diga que, se fisicamente os exercícios individuais podem contribuir para melhorar certas aptidões dos jogadores, tais como a velocidade e a resistência, de outra parte há probabilidades de que eles favoreçam, aumentando-o ou despertando-o, esse individualismo exasperado que é o fundo do caráter brasileiro, por herança e por temperamento (Escola de disciplina, 1920, p. 10).

Constatamos que a narrativa sobre a cultura ou o tipo de civilização a ser construída confundia-se com as narrativas sobre o que é e o que deve ser o futebol, o Brasil e os brasileiros. O futebol tornara-se uma metáfora da sociedade idealizada

a partir: a) do mundo civilizado europeu, que deveria modelar a jovem nação; b) da cultura singular que aqui havia se instalado e se estava construindo, como corresponde a uma nação original.

Nos anos de 1920, nas elaborações do conservador Oliveira Vianna (1981), o povo brasileiro é desorganizado, dominado por um individualismo egoísta que dificultava a associação, não teria sentimento público, coletivo, opinião pública e ainda esperava um governante redentor. Contra o pessimismo de Oliveira Vianna, elaborações otimistas, tal como vimos acima em relação ao futebol, viriam a ser intensificadas nos anos de 1930, em relação aos destinos do futebol e da sociedade.

O ESTILO DE JOGO COMO EXPRESSÃO DA NACIONALIDADE

As singularidades nos modos brasileiros de jogar foram elaboradas em densas narrativas até se tornarem marcas de autenticidade, de diferença, de distinção, em resumo, de identidade. O estilo de jogo passou a ser tema, e ainda é, de elaboração de literatos, intelectuais e jornalistas de prestígio na sociedade brasileira (Lucena, 2001). Os bons resultados e a massificação do futebol brasileiro, iniciados nos anos de 1920, foram rapidamente incorporados nas narrativas de construção do estilo nacional. É verdade que ainda existia uma certa tensão entre ufanistas e críticos do esporte até os anos de 1920³. Mas, a partir dos anos de 1930, o futebol legitima-se como pura expressão da nacionalidade nas narrativas de Mário Filho, José Lins do Rego, Gilberto Freyre e outros jornalistas e literatos (Soares, 1998). O estilo marcado pela virtuosidade individual começou a ser louvado como autêntico e singular, um processo de recriação do modelo anglo-saxão. A corrente de valorização da singularidade de nosso futebol parece tornar-se hegemônica, talvez pela qualidade empírica de nosso futebol, ou ainda pela maximização do imaginário culturalista e nacionalista nos anos de 1930.

O sucesso do futebol, sua massificação e a necessidade da construção de uma narrativa positiva sobre o Brasil deram um belo casamento. O futebol passa a ser visto como um desses espaços de sintetização da cultura nacional, isto é, local de assimilações, de encontro entre classes antagônicas, de cadinho das diferentes raças e tradições culturais que diferenciavam o Brasil das outras nações (Freyre, 1981). Um dos principais problemas do Brasil considerado na época, a miscigenação, vista como um empecilho ao progresso e motivo de vergonha, tornou-se, no futebol e em ou-

3. Lima Barreto e Graciliano Ramos, homens da imprensa e da literatura, fizeram ataques à moda e à febre do futebol no Brasil. Por outro lado, Coelho Netto rendia louvores à missão civilizatória deste esporte em nosso país (Pereira, 2001).

tras expressões culturais, espaço de afirmação de nossa singularidade (Skidmore, 1994). Afinal, o futebol estava no povo e apresentava bons resultados perante a outras nações, cabendo aos intelectuais e jornalistas explicarem o sucesso de nosso futebol pelo olhar da diferença, da singularidade, da miscigenação.

A explicação do sucesso incidia sobre o singular encontro e convivência das diferentes etnias no Brasil. Na Copa Rio Branco de 1932, José Lins do Rego diz que [...] “Os rapazes que venceram, em Montevideú, eram um retrato da nossa democracia racial, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira” (1943, p. 7). Freyre, na Copa de 1938, explica a construção desse estilo na mesma direção.

Respondi ao repórter [...] que uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. [...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha que foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (Freyre, 1938, s/p).

Afinal, de que Freyre e Lins do Rego estão falando? Freyre não tem por intenção explicar os mecanismos de formação de um padrão de jogo que parece esteticamente diferir dos europeus. O padrão de jogo seria reflexo da história e da cultura. Em 1955, Freyre escreve para a revista *O Cruzeiro*:

Dizem os sociólogos que os jogos – ou os estilos de jogos – podem ser classificados, de maneira geral, como “individualistas” (os dos gregos atenienses, por exemplo), “cooperativistas” (os britânicos ou anglo-saxônicos) e “militarista” (os prussianos, os nazistas, os fascistas). De modo que, se os brasileiros, no seu modo de jogar futebol, tendem a ser antes individualistas que cooperativistas, estão em boa companhia: estão com os gregos. Com os atenienses. Com a gente mais civilizada, mais polida, mais estética que jamais existiu. É certo que para efeitos práticos de vitórias nos torneios internacionais de hoje, caracterizada por uma nítida predominância de padrões anglo-saxônicos – seguidos passivamente na Europa pelos próprios eslavos sovieticados, melhor fôra que a tendência brasileira de jôgo fôsse a cooperativista. Mas sem que isto signifique superioridade absoluta dessa tendência sobre a individualista. Afinal, os gregos

foram um grande povo; e sua sistemática, ao mesmo tempo que sua estética de jogo, não podem ser sumariamente classificada como inferior à dos europeus modernos, dominados neste particular pelo paradigma britânico. Que significa ser um jogo predominantemente individualista no seu estilo? Pura anarquia? O inteiro sacrifício do grupo aos caprichos dos indivíduos? De certo que não. Significa constante interação entre o esforço coletivo do grupo e as façanhas, as iniciativas, os próprios improvisos de indivíduos que, assim agindo, destacam-se como heróis, exibem-se, como bailarinos-mestres, acrescentam-se à rotina do jogo, não só em benefício próprio como em benefício do grupo. É o que fazem no futebol os Leônidas que assim procedendo, procedem sob o impacto da herança africana de cultura que tende a fazer dos jogos danças e até bailados; mas sem deixarem de agir dentro uma tradição desportiva marcada em suas origens pelo paradigma grego-ateniense. Aquele que o indivíduo não se dissolve de todo no grupo, mas conserva certas e essenciais liberdades de expressão heróica e de exibição dramática. Sendo assim, não temos os brasileiros de que nos envergonhar, quando se diz do nosso estilo de jogar futebol que dá demasiada expressão às façanhas dos heróis ou bailarinos individuais⁴. Do que precisamos é de conciliar êsse individualismo com a disciplina, sem a qual o esforço de um grupo se degrada, afinal, em histeria anárquica (Freyre, 1955, p. 28).

Para Freyre, a cultura brasileira está fundada na idéia de acomodação e equilíbrio de antagonismos que transformam a cultura pelo forte contato e intercomunicação entre mundos diferentes. Freyre e seus contemporâneos parecem estar mais preocupados em ver o futebol englobado ou resignificado pela cultura nacional do que entender como se formou o estilo de jogo. Acabou construindo um tipo de metáfora, na qual o estilo representava o amálgama de outras influências culturais (samba, carnaval, capoeira etc.); tal metáfora reforçou mais a identidade do que desvendou os mecanismos da formação e criação de uma técnica corporal singular. Observemos como prossegue essa tradição.

ESTILO DE JOGO E CIDADANIA DESLOCADA

A partir dos anos de 1970, os cientistas sociais se voltam para o futebol. O antropólogo Roberto DaMatta teve um papel destacado no reconhecimento do futebol como objeto válido das ciências sociais. Sua produção começou a ser altamente lida no final da década de 1970. DaMatta faz uma reviravolta quando argumenta contra a leitura do esporte como ópio ou como alienação das massas, largamente dominante sobretudo entre os segmentos da intelectualidade marxista e progressista da época. Entre Freyre e DaMatta há uma geração de cientistas sociais que discute basicamente a formação e a dinâmica econômica e social com seus impactos

4. O leitor pode observar as semelhanças entre Freyre e as elaborações posteriores de DaMatta, sobre o conceito de super pessoa, ao qual voltaremos.

na conjuntura política, sob forte influência das leituras e releituras marxistas, e cujos expoentes mais significativos são paulistas ou trabalham em São Paulo⁵. DaMatta retoma o ponto de vista da cultura, como antropólogo, continuador e inovador de Freyre. Empreende uma leitura da cultura como drama que reflete os dilemas, impasses e valores da sociedade brasileira.

Um argumento importante de DaMatta (1989) é o da construção da identidade nacional a partir de instituições secundárias, como carnaval, samba, religiosidade e futebol. Em contraposição, os países europeus e os Estados Unidos possuiriam como fontes de identidade social a constituição, o congresso nacional, o sistema universitário, a ordem financeira, a história política, instituições importantes e sérias que seriam centrais na criação de solidariedade e identidade. As esferas do lazer e do esporte, por sua vez, seriam nesses países fontes secundárias. DaMatta afirma que nossa identidade se formou a partir de fontes secundárias, em função da estrutura política e social não permitir a expressão e a mobilidade do indivíduo.

Da comparação entre a cultura anglo-saxônica e a brasileira ele extrai a singularidade do brasileiro no futebol. As diferenças são as seguintes: 1- A cultura anglo-saxã tem no esporte a idéia de controle do corpo, de coordenação dos indivíduos para formar uma equipe e o espírito coletivo, enquanto para os brasileiros se apresenta como “uma atividade que requer tática, determinação psicológica e habilidades técnicas, mas que depende também das forças incontroláveis da sorte e do destino” (DaMatta, 1989, p. 65). Temos um universo racional em contraposição a um universo que mistura racionalidade com forças místicas; 2- O futebol “se torna uma fonte de expressão individual na sociedade brasileira” (DaMatta, p. 66), dada a base de universalidade e igualdade das regras do esporte. Em contraposição, o espaço público e as relações políticas na sociedade brasileira são hierarquizados e não oferecem oportunidades aos indivíduos de testarem sua competência. Assim, o futebol seria um local onde as diferenças de classe, raça e origem seriam secundarizadas em função da competência, fornecendo uma das poucas experiências de participação e de cidadania positiva; 3- O estilo de futebol do brasileiro, individualizado, cheio de dribles, estilização e improvisação seriam ferramentas com as quais o indivíduo oriundo das massas pode obter notoriedade e mobilidade social, isto é, “pode tornar-se um estrela de um time de futebol e tornar-se uma super pessoa e centro das atenções, uma personalidade notável que não pode ser substituída” (DaMatta, 1989, p. 66). Observemos que em DaMatta temos a astúcia dos populares em contraposição à linguagem da alienação.

5. Estamos nos referindo aos pesquisadores Cebrap nos anos de 1960 e 1970.

Em DaMatta, o futebol parece ser um local de “cidadania deslocada” ou fora de lugar. Se o estilo individual, cheio de improvisação e de dribles, representava expressão da individualidade e meio de mobilidade social, por outro lado não representa a experiência de solidariedade coletiva que as sociedades democráticas oferecem no espaço público e na pedagogia do esporte. Todavia, o futebol parece não transferir sua experiência de participação para luta política e agregação coletiva em igualdade e cidadania. O futebol, em DaMatta, pode ser visto como mais um espaço que revela tensões na definição das relações entre as partes e o todo, entre o indivíduo e a sociedade e entre as alternativas de construção do individualismo. A tradição até aqui se manteve firme e atualizada.

A PROCURA DOS MECANISMOS NA CONSTRUÇÃO DO ESTILO

Novos argumentos, no seio das ciências sociais, estão sendo formulados na explicação da construção do estilo nacional de futebol. Toledo (2000) apresenta a tese de que os variados contextos de apropriação do futebol teriam gerado técnicas corporais diferenciadas em função da variação na interpretação e da aplicação das regras, como no caso do futebol da Rússia, que tinha comportamentos semelhantes ao rugby, no início do século XX.

A explicação para a construção do estilo mais individualista e de toques curtos, como marca brasileira, teria se dado em função do tipo de interpretação que elites e populares deram à *charge* (jogo de ombro), que era vista como infração, apesar de permitida pela regra 12. Paulo Magalhães (1930) opunha-se a essa interpretação e defendia a aplicação universal da regra.

[...] times brasileiros só ganham no Brasil, onde os juizes impedem o tranco e a “torcida” não permite que os “meninos” sejam machucados [...]. E depois, ainda, por patriotada, vivemos a dizer que somos “os melhores do mundo”! O que os brasileiros precisam é aprender a jogar o “football association”, praticado por todo o mundo, e desistir desse joguinho para moças que nós inventamos aqui [...] (Magalhães, 1930, p. 12).

Mesmo em desacordo com o futebol descrito nos manuais ingleses, a interpretação teria possibilitado um jogo que primasse pelos dribles, pelos passes curtos, pelo roubar de bola, em vez do ombro a ombro. Observe-se que o estilo nacional é visto por Toledo (2000) como interpretação singular das regras e seu processo de apropriação em diferentes contextos.

Num segundo momento da argumentação, Toledo (2000) retoma como hipótese *ad hoc* as interpretações da influência da heterogeneidade étnica e social e os processos de resistência dos afro-brasileiros na qualidade de construtores do es-

tilo. Desloca-se dos mecanismos para as influências. O estilo de dribles e toques curtos seria produto: a) do desestímulo da *charge* por uma interpretação singular das regras do futebol; b) das técnicas corporais de auto-esquiva elaboradas nos ambientes populares (capoeira, danças e rituais) como forma de resistência (Toledo, 2000, p. 34). Toledo ensaia uma explicação com base na história da interação no jogo, mas termina reconciliando-se com a tradição que apresentamos ao longo do texto⁶.

CONCLUSÃO PROVISÓRIA

Observamos que as narrativas sobre o Brasil fazem do futebol um modelo analógico da sociedade brasileira, tanto na dimensão da cultura quanto na das relações políticas. Se perguntássemos a Oliveira Vianna porque o estilo de futebol do brasileiro se fundava nas habilidades individuais, sua resposta provavelmente seria semelhante à dos jornalistas do início do século: ignorância e falta de capacidade de organização. Para Freyre, a cultura brasileira baseava-se na convivência tensa entre elementos da sociedade tradicional e da moderna. DaMatta vê uma sociedade habitada pelas estruturas hierarquizadas que dificultam a participação e a construção da cidadania, onde o futebol seria um espaço de deslocamento do desejo de participação e de construção de uma identidade política e social. Segundo nosso ponto de vista, uma cidadania deslocada. Toledo ensaia uma explicação interna ao campo do futebol, mas acaba reconciliando-se com a tradição de ver no futebol as relações gerais da sociedade e da cultura. No fundo, não estamos diante de uma via de mão dupla, pois vamos apenas numa direção: entender o futebol com base na sociedade. A parte se explica por reproduzir o todo, embora ardidamente demande alguma hipótese *ad hoc*, como no caso da sociedade hierarquizada deixar o futebol apenas como espaço de participação e construção da cidadania.

O diagnóstico parece comum tanto na vida política da sociedade quanto no futebol. Há, entretanto, uma oscilação permanente entre a crítica, com base na comparação daquilo que não somos, e a louvação da singularidade, embora defeituosa, sob o ponto de vista comparativo. No passado, o estilo foi motivo de tensão entre os partidários do jogo coletivo baseado no individualismo associativo ou cooperativo e os do jogo individualista e estético (egoísta e para a arquibancada). A partir da década de 1930, os partidários do estilo nacional tornaram sua narrativa hegemônica e marca de identidade. Hoje se lamenta a perda da identidade, estamos em um

6. Outros cientistas sociais, historiadores e jornalistas do passado e de hoje poderiam ser citados como construtores e reforçadores dessa tradição. Cf. Soares, 1998 e Helal; Soares; Lovisoló, 2001.

momento em que o futebol brasileiro apresenta características mais globalizadas e as equipes do mundo inteiro utilizam modelos semelhantes.

Afinal, do que estamos falando, no campo das ciências sociais, quando tomamos o futebol brasileiro como objeto de nossas análises?

Devemos levantar algumas questões significativas. Até que ponto a luta pelo resgate do estilo nacional de futebol não representa uma reação sentimental diante da força da globalização? O futebol e o sucesso do estilo nacional representariam a esperança de que podemos criar uma "cidadania política" singular, como a idealizada por DaMatta mediante o "futebol arte"? As ciências sociais, ao tomar como objeto o futebol, estariam de fato operando criativamente nas relações entre a parte e o todo no entendimento do social, ou apenas estariam recodificando a tradição da "saudades"?

Soccer: the historical construction of Brazilian style

ABSTRACT: This is an article about the tradition involved in the construction of Brazilian soccer style. It demonstrates how repetitive this elaboration has been presented, and charts identity affirmation desires within the tension between civilizatory ideals and affirmation of cultural authenticity inherent to the contradictory issues involving Brazilian citizenship. Narratives transform soccer into a mirror of society-afflicting dilemmas, but it does not offer any explanation to the singularity of bodily techniques that would allegedly characterize Brazilian soccer style. Reintroducing tradition becomes relevant because of the current pressures that would have contributed to the disappearance of soccer-art. Intellectuals transform soccer into "saudades" and society-reflected image, but they do not provide an explanation about the tradition hardcore: the construction of Brazilian style.

KEY-WORDS: Soccer-art; history of sport; soccer style.

Fútbol: construcción histórica del estilo nacional

RESUMEN: El artículo trata de la tradición de construcción del estilo brasileño de fútbol. Demuestra su repetitividad en las elaboraciones y mapea los deseos de afirmación de la identidad en la tensión entre el ideal civilizador y el de afirmación de la autenticidad cultural, no contexto de las contradicciones de la ciudadanía en Brasil. Las narrativas hacen del fútbol un espejo de los dilemas de la sociedad dejando de explicar la singularidad de las técnicas corporales que distinguiría al estilo brasileño de fútbol. La relevancia de rerepresentar la tradición es demandada por la presiones del presente que tendrían hecho desaparecer el arte. La intelectualidad transforma el fútbol en saudades y espejo de la sociedad, sin explicar o centro de la tradición: la construcción del estilo.

PALABRAS CLAVES: Fútbol-arte; historia del deporte; estilo de fútbol.

REFERÊNCIAS

DaMATTA, R. Esportes na sociedade: futebol como drama nacional. *Sociologia da religião – CONSILIUM*, 225 – 1989/5. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 62-74.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Didel, 1992.

ESCOLA DE DISCIPLINA. *Sports*, São Paulo, ano 1, n. 2, fev. 1920.

FIGUEIREDO, A. *História do foot-ball em São Paulo*. São Paulo: Secção de obras d' *O Estado de S. Paulo*, 1918.

FREYRE, G. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938.

_____. Ainda a propósito de futebol brasileiro. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1955.

_____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1981.

HAMILTON, A. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HELAL, R; SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. *Mídia, raça e idolatria: a invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LUCENA, R. *O esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MAGALHÃES, P. O football brasileiro é diferente do verdadeiro football inglez. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de ago. 1930.

NETTO, A. R. Football: inovação brasileira. *Sports*, ano 1, n. 1, São Paulo, 1919.

OLIVEIRA VIANNA. O idealismo da constituição. In: CARDOSO V. L. *À margem da história da República*. Brasília: Câmara dos Deputados, Editora UnB, 1981, t. I, p. 103-118.

PEREIRA, J. A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

REGO, J. L. do. Biografia de uma vitória. In: Mário Rodrigues Filho. *Copa do Rio Branco, 32*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943, p. 7-8.

SALDANHA, J. *A Copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SANT'ANNA, L. *O football em São Paulo*. Notas crítico-biográficas dos principais jogadores paulistas antigos e modernos. São Paulo: TYP Piratininga, 1918.

SKIDMORE, T. E. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SOARES, A. J. *Futebol raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. 1998. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

TOLEDO, L. H. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Recebido: 29 mar. 2003

Aprovado: 30 abr. 2003

Endereço para correspondência

Antonio Jorge Soares

Rua Theodor Herzl

Botafogo

Rio de Janeiro – RJ

CEP 22260-030